

**entre papelão, palavras e práticas:
letramentos socioambientais na
formação de professores e educadores ambientais**

**between cardboard, words, and practices:
socio-environmental literacies in the
training of teachers and environmental educators**

Raí de Amorim Freire

Coordenador da Educação de Jovens e Adultos
Centro Educacional de Barra do Choça
Barra do Choça, BA

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5374-3743>

Waldemar Cavalcante de Lima Neto

Professor de Ensino Médio
Rede Estadual de Ensino de Pernambuco
Recife, PE

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5557-2362>

Renata Priscila da Silva

Professora Adjunta
Universidade de Pernambuco
Petrolina, PE

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9940-9046>

Carmen Roselaine de Oliveira Farias

Professora Associada III
Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE)
Recife, PE

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8215-692X>

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.17407853>

Resumo: Este artigo propõe uma reflexão sobre práticas de letramento socioambiental desenvolvidas a partir de experiências com livros cartoneros em contextos de formação docente e educação popular. Em tempos de emergência climática e esgotamento civilizatório, torna-se urgente reimaginar a formação de professores por meio de práticas que entrelacem a criação estética, o engajamento político e a escuta ativa dos territórios. Inspirado nas perspectivas de Doris Sommer sobre a potência cultural da arte, nas contribuições de Brian Street sobre os letramentos como práticas sociais e nas experiências autorais vividas em projetos cartoneros no Nordeste brasileiro, o texto articula narrativas, vivências e tensionamentos que emergem quando a educação se abre ao sensível e ao comum. A escrita cartonera, como prática

situada e insurgente, instaura um espaço de mediação entre saberes locais, experiências juvenis e justiça climática, convertendo papelão em palco de expressão, resistência e regeneração. O artigo sustenta que essas práticas constituem não apenas dispositivos pedagógicos, mas atos de criação coletiva que ampliam os horizontes da formação de educadores e educadoras que se comprometem com o bem-viver e com a transformação social. Ao mobilizar a palavra escrita, falada e sentida como forma de (r)existência, os letramentos socioambientais cartoneros apontam caminhos para uma pedagogia decolonial, dialógica e regenerativa.

Palavras-chave: (1) Formação docente; (2) Práticas cartoneras; (3) Letramento socioambiental; (4) Justiça climática; (5) Educação crítica.

Abstract: This article proposes a reflection on socio-environmental literacy practices developed from experiences with *cartonero* books in teacher training and popular education contexts. In times of climate emergency and civilizational exhaustion, it is urgent to reimagine teacher training through practices that intertwine aesthetic creation, political engagement and active listening to territories. Inspired by Doris Sommer's perspectives on the cultural power of art, Brian Street's contributions to literacies as social practices, and the authorial experiences of *cartonero* projects in Northeast Brazil, the text articulates narratives, experiences, and tensions that emerge when education opens itself to the sensible and the common. *Cartonero* writing, as a situated and insurgent practice, establishes a space of mediation between local knowledge, youth experiences, and climate justice, transforming cardboard into a stage for expression, resistance, and regeneration. The article argues that these practices constitute not only pedagogical devices but also acts of collective creation that broaden the horizons of educators committed to full living (*Buen Vivir*) and social transformation. By mobilizing the written, spoken, and felt word as a form of (r)existence, *cartonero* socio-environmental literacies point the way toward a decolonial, dialogical, and regenerative pedagogy.

Keywords: (1) Teacher training; (2) *Cartonero* practices; (3) Socio-environmental literacy; (4) Climate justice; (5) Critical education.

Introdução

Diante da emergência climática e da intensificação das desigualdades socioambientais, cresce a necessidade de práticas educativas que articulem sensibilidade estética, consciência política e compromisso com a transformação social. A formação de educadores e educadoras, especialmente em tempos de tantas crises, não pode se limitar à reprodução de conteúdos ou métodos descontextualizados da realidade vivida nos territórios. É nesse cenário que se inscreve a proposta deste artigo, comprometida com experiências formativas que dialogam com a justiça climática, a educação ambiental crítica e os letramentos socioambientais como práticas culturais e políticas.

A partir de nossas próprias experiências desenvolvidas com as práticas cartoneras (produção artesanal e coletiva de livros, feita com papelão e materiais reaproveitados) na formação inicial e continuada de professores, o artigo busca refletir sobre como essas práticas favorecem processos formativos mais localizados, críticos e regenerativos. Inspirados nos aportes teóricos de Brian Street sobre letramentos como práticas sociais, de Doris Sommer sobre a arte como impulso cívico e de nossas próprias experiências com a produção, articulamos vivências formativas em educação ambiental a um debate sobre o papel da autoria, da criação coletiva e da mediação cultural no campo educativo.

Compartilhamos do desejo de investigar e compartilhar experiências formativas que emergem na intersecção entre letramentos socioambientais e práticas editoriais cartoneras, especialmente no contexto da formação de professores de Ciências, Biologia e Língua Portuguesa. O trabalho dialoga com uma perspectiva de letramento que ultrapassa a codificação linguística e se inscreve nas dimensões sociais, culturais, ambientais e políticas da linguagem (KLEIMAN 2005; STREET 2014). Ancorados em práticas colaborativas desenvolvidas em espaços de formação, buscamos compreender como essas experiências potencializam o sentido de autoria, o engajamento com o território e a reinvenção dos modos de ensinar e aprender.

Nosso contexto de prática são oficinas realizadas com estudantes da licenciatura em Ciências Biológicas e professores de Língua Portuguesa que atuam na educação básica, em contextos de ensino, pesquisa e extensão. Nessas experiências, a confecção de livros cartoneros se apresenta como gesto educativo e estético que convoca à autoria, à escuta sensível e ao engajamento político. Ao narrarmos essas experiências, apostamos em uma escrita que também seja performativa, abrindo caminhos para pensar a formação docente como prática situada, crítica e inventiva.

Inspirados por metodologias ativas e por princípios da pesquisa com Ensino (TEIXEIRA 2020; FREIRE 2023), adotamos as oficinas cartoneras como dispositivos pedagógicos e investigativos. Nessas oficinas, os sujeitos

envolvidos (professores em formação inicial e continuada em educação ambiental) são convidados a narrar suas vivências, percepções e afetos sobre temas socioambientais a partir da criação de textos autorais e da produção de livros artesanais, com capas feitas de papelão reaproveitado.

A proposta metodológica articula criação estética, escrita autoral e práticas colaborativas, tensionando a lógica bancária (FREIRE 1987) ainda presente em muitos cursos de formação. Os encontros se estruturam em rodas de conversa, leitura de crônicas, artigos e poemas, reflexões sobre o território e escrita coletiva. A confecção do livro - costura, pintura, colagem - não é apenas uma etapa final, mas parte do processo formativo que reafirma a potência da arte e da manualidade na educação.

A presença do sensível e da materialidade nas oficinas convoca outro modo de estar e fazer ciência, no qual a escuta e o diálogo se tornam centrais. Os relatos e imagens que emergem desses encontros tornam-se registros significativos das aprendizagens construídas e dos modos de se constituir como pessoa que educa.

As práticas cartoneras, ao serem vivenciadas no contexto da formação inicial e continuada, revelam-se como espaços de deslocamento e invenção. Em uma das oficinas realizadas com licenciandos de uma universidade no Nordeste brasileiro, por exemplo, os participantes criaram livros que abordavam temas como biodiversidade, agroecologia, racismo ambiental, águas do semiárido e histórias de vida. As crônicas ambientais expressavam não apenas conhecimentos científicos, mas também memórias de infância, vivências familiares e vínculos com o território (FREIRE & FARIAS 2025).

Em outro percurso, a experiência de Waldemar Neto, estudante-professor-pesquisador no doutorado, segundo autor desse artigo, ressoou como potente exemplo de articulação entre pesquisa acadêmica e prática escolar. Em dois momentos formativos para professores da área de língua portuguesa, desenvolvidos em contextos distintos e com objetivos diferentes, os livros cartoneros foram utilizados como estratégia pedagógica do(a) professor(a) para atingir resultados que incidiram na prática formativa com ênfase ao trabalho colaborativo em que a escrita aparece para desvelar o humano.

Essas experiências mostram que, ao serem convocados à escrita e à criação, professores(as) e educadores(as) se movimentam entre saberes científicos e saberes cotidianos, operando deslocamentos no modo de compreender a educação, a ciência e o próprio papel docente. São narrativas que insurgem, escrevem territórios e performam outras formas de letramento.

Ao nos aproximarmos do fechamento deste percurso investigativo, reafirmamos que a formação docente não pode ser dissociada das dimensões estética, política e sensível que permeiam o cotidiano escolar. As práticas cartoneras aqui relatadas apontam para uma pedagogia que

valoriza a escuta ativa, a autoria e a relação com os territórios, promovendo outras formas de ensinar, aprender e existir na escola.

A estética, entendida como modo de sentir, perceber e expressar o mundo, emerge nos livros cartoneros como linguagem que rompe com os formatos hegemônicos de produção do conhecimento escolar e acadêmico. Cada capa, cada traço e cada escolha na materialidade das obras se inscreve como gesto educativo e político, trazendo à tona experiências e identidades invisibilizadas pela racionalidade técnico-instrumental dominante na formação docente.

O texto se organiza em quatro seções, além desta introdução. Na primeira, discutimos o conceito de letramentos socioambientais, destacando sua relevância como prática situada, vinculada ao território e aos desafios socioambientais contemporâneos. Na segunda seção, exploramos o potencial pedagógico das práticas cartoneras, articulando estética, resistência e justiça climática. A terceira seção foca nas experiências com formação docente, discutindo como a produção cartonera intervém nas concepções de docência e nos modos de ensinar e aprender. Na quarta sessão, convocamos a formação docente a re-pensar as relações éticas e estéticas desde sua escuta sensível.

Por fim, nas considerações finais, apresentamos uma síntese das contribuições da prática cartonera para uma educação ambiental crítica e indicamos caminhos para o fortalecimento de pedagogias decoloniais, criativas e regenerativas.

Operando a noção de letramentos socioambientais: livros cartoneros, papelão, resistências e educação

*o céu na tua frente
o chão sob teus pés
o sol iluminando tuas sandálias
e tu não enxergas outros caminhos
Miró da Muribeca.
Miró até agora (2016: 82)*

A noção de letramentos socioambientais, para nós, é constituída no encontro entre os estudos dos letramentos como práticas sociais situadas (BARTON, HAMILTON e IVANIC 2000; SOARES 2004; STREET 2014) e as epistemologias ecológicas (STEIL e CARVALHO 2014), articulando linguagens, saberes e territorialidades na construção de sentidos sobre a vida e o mundo. Ao adotar o termo no plural - letramentos - enfatiza-se a diversidade de práticas de leitura e escrita e dos modos de ler, escrever e significar a realidade, considerando que cada prática de letramento carrega marcas culturais, políticas e históricas, como na poesia de Miró da Muribeca que abre essa seção, publicada no livro cartonero *"Tu tás aonde?"* (2007).

Nesse sentido, os letramentos socioambientais configuram-se como práticas educativas que envolvem a leitura e a escrita, atravessam o cotidiano e que convocam sujeitos a pensar, sentir e agir diante dos desafios da crise ecológica contemporânea (FREIRE 2023). Eles buscam não apenas compreender os problemas ambientais, mas também interrogar os modelos de desenvolvimento, as relações de poder e os modos de produção de conhecimento que sustentam a degradação ambiental e a desigualdade social.

É nesse contexto que ganham relevância as experiências com livros cartoneros, produzidos artesanalmente com capas de papelão reutilizado, em pequenos coletivos, oficinas escolares ou projetos comunitários. Inspiradas nas editoras cartoneras latino-americanas, essas práticas conjugam literatura, arte e militância em uma perspectiva de resistência à lógica do mercado editorial, do consumo e da homogeneização cultural, articulando “novos” agentes culturais (SOMMER 2009).

Remontar um pouco dessa história do movimento cartonero é necessário para compreensão de sua potência na relação com os letramentos. Sobre seu início, pode-se dizer que, no primeiro quartel do século XXI, a Argentina enfrentou uma crescente e acentuada crise econômica que afetou milhões de cidadãos e cidadãs. O evento ficou marcado como *El corralito* que, de acordo com Alamo (2014), impactou negativamente a política e a economia do país. Contudo, em meio a esse processo lastimável de crise, fome e desemprego, emergiu um movimento contemporâneo, político, filosófico e cultural significativo (LOPES & GARCIA 2021: 996). Trata-se do movimento cartonero cujo mentor foi Santiago Vega, que usa o pseudônimo de *Washington Cucurto*. A ideia do jovem escritor, pautada na produção de livros artesanais a partir do reuso do papelão, colaborou com o enfrentamento da crise em questão.

O movimento se difundiu pela América do Sul e, para Noury (2022), os livros cartoneros passaram a ser instrumentos que ampliam a voz de humanos marginalizados. Assim, os livros únicos e tecidos de criatividade permitiram o surgimento de novos autores (PIMENTEL 2020). Assim, se a produção desses livros pode ser associada ao cuidado social, cultural, humano e ambiental na contemporaneidade, argumenta-se que também podem favorecer aspectos pedagógicos.

O papelão, enquanto matéria-prima marginalizada, coletada muitas vezes por trabalhadores invisibilizados, transforma-se em suporte de narrativas, memórias e denúncias. Escrever sobre o meio ambiente em um livro de papelão não é apenas um exercício estético ou pedagógico: é um gesto político de reexistência (SOUZA 2011), de afirmação de vozes periféricas e de construção de sentidos outros para a educação.

A produção dos livros cartoneros se sustenta em uma estética da urgência e da coletividade: capas pintadas à mão, textos escritos em primeira pessoa, tiragens reduzidas, partilhas públicas. Cada obra é única,

carrega a marca do corpo que a produziu, das mãos que a pintaram, das palavras que nasceram de vivências (SOMMER 2009). Ao mesmo tempo, cada exemplar é parte de uma rede de afetos e aprendizagens, que conecta o fazer manual à reflexão crítica, o local ao global, o micro ao macro.

Assim, pensar os livros cartoneros como práticas de letramentos socioambientais é reconhecer o seu papel formativo e transformador. Essas produções desafiam as fronteiras entre o que é considerado saber legítimo e o que é marginalizado, entre o que é escola e o que é vida. Elas nos convidam a pensar numa educação engajada, criativa e sensível, capaz de formar sujeitos implicados com a justiça ambiental, com a diversidade cultural e com a produção coletiva de conhecimento.

Letramentos socioambientais e insurgentes: entre práticas e teorias

A experiência com os livros cartoneros revela uma dimensão potente dos letramentos como práticas culturais e políticas situadas. Mais do que o domínio técnico da leitura e da escrita, os letramentos assumem aqui uma feição ampliada, comprometida com os territórios, com as subjetividades e com os modos de existir e resistir. Nesse contexto, os letramentos socioambientais constituem uma lente analítica e uma prática pedagógica de valorização das vozes silenciadas e dos saberes locais (FREIRE 2023).

No que concerne à dimensão pedagógica, esses livros podem contribuir de modo singular com o aparecimento de escritores, com as atividades de leitura e escrita, além de favorecer a criatividade e o trabalho colaborativo. Todavia, cabe reforçar que o uso desses suportes precisa ser mediado com intencionalidade e, na escola, o(a) principal mediador(a) de experiências educativas é o(a) professor(a). Dito isto, pensar a formação docente como um lugar de inquietações e desdobramentos para além do convencional em sua prática se torna desafiador e um ato de coragem, como nos ensina Paulo Freire.

Aqui cabe refletir sobre a formação docente, inserida numa sociedade conectada aos desdobramentos da contemporaneidade em diálogo com os eixos dos saberes científicos, culturais e socioambientais. Vivemos numa era em que a relação entre o ser humano e o meio socioambiental não pode se limitar a discussões superficiais ou pontuais. Novas reflexões, em especial, sobre o Antropoceno, permite-nos compreender que o humano não é mais unitário, aliás, nunca foi, como, a título de exemplo: *“o lixo é um dos atores responsáveis pelas mudanças climáticas que vivemos”* (NOURY 2022: 107). Porquanto, a formação de professores(as) deve ser entendida como um direito que evoca reflexões e práticas de configurações do pluriverso onde humano e a natureza material e imaterial sejam compreendidas para a superação de uma crise de extensão humana e não-humana.

Ao tematizar questões ambientais nos livros cartoneros, as pessoas participantes são convidadas a refletir sobre os impactos do modelo de desenvolvimento hegemônico em seus cotidianos, suas paisagens e suas relações comunitárias. Essa abordagem permite a construção de sentidos críticos e afetivos sobre a crise ecológica, ao mesmo tempo em que valoriza narrativas e saberes que resistem à homogeneização cultural e epistemológica.

A insurgência aqui não é apenas política, mas também epistêmica e estética. Ela se manifesta na escolha dos temas, na linguagem utilizada, na materialidade dos livros e no modo como os sujeitos se posicionam frente ao mundo. Ao escrever sobre o rio que seca, o lixo que invade a cidade ou o cerrado que desaparece, as autorias-cartoneras não apenas denunciam, mas anunciam outros mundos possíveis.

Essa perspectiva conecta-se com os estudos de letramentos críticos (ROJO 2009; STREET 2014), que compreendem os letramentos como práticas sociais permeadas por relações de poder, e que devem ser analisadas em seus contextos históricos e culturais. Os livros cartoneros tornam-se, assim, artefatos de mediação pedagógica e cultural, que rompem com a lógica da neutralidade da linguagem e da escola, e evidenciam que todo ato de leitura e escrita é também um ato político.

Além disso, a dimensão estética dessas práticas como a pintura das capas, a colagem e o uso de materiais recicláveis contribuem para a valorização do sensível na educação. A criatividade e o cuidado colocados em cada exemplar revelam um desejo de comunicar não apenas ideias, mas também afetos, pertencimentos e memórias.

Com isso, os letramentos socioambientais insurgentes promovem uma formação mais enraizada, na qual as vozes dos sujeitos se afirmam como legítimas e potentes para pensar o mundo. Como afirma Walsh (2008), trata-se de “descolonizar o pensamento e o fazer”, assumindo a educação como espaço de construção de outros saberes e outras possibilidades de existência. Assim, “*a interculturalidade crítica implica reconhecer as epistemologias outras e os saberes silenciados*” (WALSH 2008).

Ao mesmo tempo, a experiência com editoras cartoneras — como movimento estético-editorial de base comunitária — reconfigura o espaço da sala de aula como um território de criação, diálogo e ação política: a isso chamamos “*sala de aula cartonera*” (SOMMER 2009). A utilização do papelão como suporte de publicação é, por si só, um gesto pedagógico e simbólico: evoca a precariedade dos meios e a potência da invenção. Para Sommer (2009), o engajamento criativo é também um compromisso com a democracia cultural, a partir da formação de novos agentes culturais.

A experiência com editoras e oficinas cartoneras é compreendida como uma dessas práticas — uma pedagogia da criação coletiva e da escuta, que se realiza entre papelão, tinta, palavras e afetos. As publicações cartoneras, como propõe Doris Sommer (2009), operam uma estética da

colaboração e da cidadania, ao promover a liberdade de expressão, o acesso à cultura e a mobilização política por meio da arte. Mais do que livros, são objetos insurgentes que tensionam as formas hegemônicas de produção editorial, construindo pontes entre educação ambiental, arte e direitos humanos.

Inspirados por experiências populares e universitárias, nos perguntamos: que práticas de letramento emergem dessas vivências editoriais? Como elas mobilizam saberes e subjetividades na formação de professores e educadores ambientais?

**Caminhos metodológicos:
as oficinas cartoneras na formação de professores e educadores ambientais**

*E aprendi que se depende sempre
de tanta, muita, diferente gente.
Toda pessoa sempre é as marcas
das lições diárias de outras tantas pessoas.
Gonzaguinha (1982)*

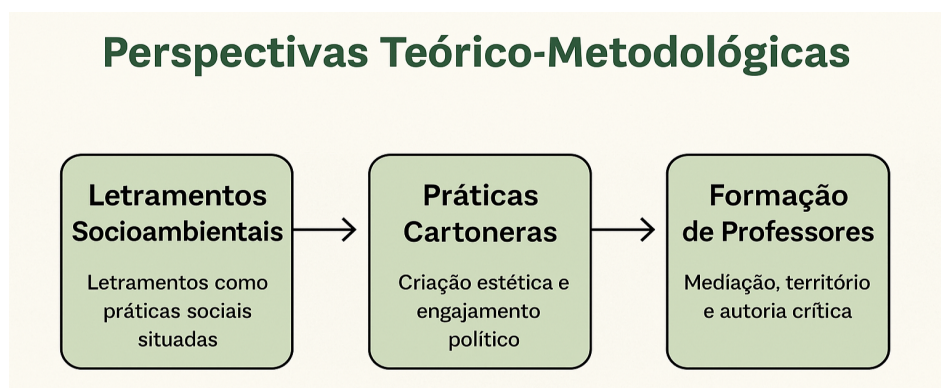
Este relato de investigação se inscreve no campo da abordagem qualitativa, orientada por princípios da pesquisa com Ensino (TEIXEIRA 2020; FREIRE 2023) e das abordagens etnográficas nas pesquisas em contextos de formação (ANDRÉ 1995; STREET 2014; INGOLD 2020). Esses referenciais nos permitem acompanhar os processos de constituição de saberes e sujeitos em contextos educativos, valorizando a experiência, a sensibilidade e o cotidiano como fontes legítimas de conhecimento, a partir de pesquisas de natureza interventiva.

Nossa experiência emerge de vivências formativas desenvolvidas em espaços educativos e culturais, sobretudo em projetos de extensão, oficinas e práticas de formação inicial e continuada de professores. Elas foram realizadas em contextos diversos como escolas, universidades, bibliotecas comunitárias e eventos acadêmico-culturais e envolveram públicos variados como professores em formação inicial e continuada, educadores, artistas, ativistas, bem como, estudantes da educação básica em diferentes territórios do Nordeste brasileiro, mobilizando práticas de escrita autoral, produção editorial e reflexão sobre temas socioambientais. Nessas oficinas, foram registrados diários de campo, fotografias, produções escritas, além de rodas de conversa que emergiram ao longo dos encontros. O olhar sobre os dados não é neutro nem apenas descritivo, mas comprometido e sensível aos gestos de criação e resistência presentes nas práticas.

Neste trabalho, relatamos três experiências ilustrativas, desenvolvidas em momentos e instituições diferentes, que revelam o mosaico constituído das memórias do vivido em nossos espaços formativos, buscando compreender como os letramentos socioambientais se materializam nas

escritas, nas falas e nas práticas que compõem as oficinas, conforme ilustrado na figura 1.

**Figura 1 – Percursos e práticas:
a experiência formativa com livros cartoneros**



Fonte: Autoria própria (2025).

Nessas oficinas, o processo de criação dos livros se dá de forma coletiva: desde a escrita dos textos até a confecção artesanal das capas, passando por discussões sobre os temas abordados, escolhas estéticas e modos de distribuição. A produção dos livros acontece em etapas: 1. provocação temática, 2. rodas de conversa, 3. escrita criativa, 4. revisão colaborativa, 5. impressão dos textos e 6. confecção artesanal com papelão reciclado, tintas e colagens.

Temas como água, resíduos sólidos, biodiversidade, ambiente, identidade, ancestralidade, territórios, educação popular e direitos humanos e ambientais surgiram como fios condutores das produções, revelando o potencial dos livros cartoneros como instrumentos de letramento crítico e engajado. Ao escrever sobre suas realidades, os participantes constroem narrativas que confrontam silenciamentos históricos, dando visibilidade a experiências muitas vezes invisibilizadas pela cultura escolar hegemônica.

Trata-se de uma pedagogia da autoria, que reconhece nos sujeitos a capacidade de narrar-se e de intervir no mundo por meio da palavra.

Letramentos e autorias em movimento: experiências cartoneras

A arte nos convoca para o prazer da responsabilidade cidadã.
Doris Sommer (2019)

As práticas cartoneras, ao se inserirem em contextos formativos, operam deslocamentos significativos nas formas de ensinar, aprender e significar o mundo. Nesta seção, apresentamos um relato abrangente de

experiências que materializam os entrelaçamentos entre letramentos, autorias e formação: uma vivida no âmbito da formação inicial de professores de Ciências e Biologia e articulada com a editora universitária Olho d'Água cartonera¹; e outras duas experiências vividas na formação continuada de professores(as) de Língua Portuguesa já atuantes no contexto da educação básica.

As nossas experiências na formação inicial e continuada de professores

a) A sala de aula cartonera no curso de licenciatura em Ciências Biológicas

A inserção das oficinas cartoneras na formação inicial de professores(as) revelou-se um potente dispositivo de sensibilização e elaboração crítica dos saberes docentes. Ao mobilizar a escrita autoral, o fazer artesanal e a mediação com saberes ambientais, estudantes da licenciatura em Ciências Biológicas foram convidados(as) a produzir pequenas publicações a partir de experiências vividas, textos científicos, memórias e observações do cotidiano. O papelão, os restos de tinta e a costura manual transformaram-se em elementos de reflexão pedagógica: que tipo de conhecimento vale a pena ser impresso? Quem decide o que é publicável?

Essas oficinas ocorreram como parte de disciplinas didático-pedagógicas e eventos de extensão, com ênfase na escrita de microcontos, crônicas ambientais, manifestos e cordéis ambientais. Durante os encontros, emergiram temas como justiça ambiental, racismo ambiental, agroecologia, territórios indígenas e crise climática. As escritas não se limitaram ao papel: foram lidas em voz alta, encenadas, compartilhadas em feiras e rodas de conversa. A estética cartonera ampliou os espaços de escuta e fez da sala de aula um ateliê de palavras e experiências.

A experiência narrada se ancora, principalmente, na pesquisa de mestrado do primeiro autor deste artigo — realizada no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Ensino das Ciências da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), em colaboração com as professoras coautoras — e teve como campo de ação uma sala de aula de formação docente em Ciências Biológicas (FREIRE 2023). Posteriormente, essa atuação se estendeu ao chão da escola pública.

Durante os encontros, os(as) jovens produziram textos autorais abordando a relação entre a cidade, o bairro e a comunidade onde vivem,

¹ A Olho d'água cartonera surgiu em 2018 como um projeto de extensão coordenado pela professora Carmen Farias na UFRPE. A partir de ações orientadas por valores e práticas socioambientais associadas ao movimento cartonero, a editora visa projetos editoriais realizados por meio de livros confeccionados artesanalmente, através de material em obsolescência e descarte.

os impactos ambientais percebidos e suas memórias afetivas com o território. Os livros, feitos em oficinas semanais, abordaram temas como poluição dos rios, desmatamento, uso de agrotóxicos e alternativas agroecológicas. A linguagem acessível e a liberdade estética permitiram que estudantes, muitas vezes invisibilizados nos processos escolares, se reconhecessem como sujeitos produtores de saberes.

A experiência reafirmou que a prática cartonera, mais do que uma atividade pedagógica pontual, pode se configurar como metodologia para a prática de letramento socioambiental e a formação cidadã. Como afirmou um estudante, em um dos textos publicados: “esse livro é minha fala que ninguém escutava”, quando mobilizados a escreverem crônicas ambientais que abordassem o seu cotidiano, bem como suas histórias de vida e ambiente, relatos potentes da relação com o entorno, a volta para casa no ônibus, os usos domésticos da água e a paisagem do Recife (FREIRE e FARIAS 2025).

b) Livro cartonero na luta contra o *bullying* na escola

Nesse sentido, relatamos a vivência de outra experiência com a formação de professores para o uso dos livros cartoneros a fim de contribuir com a formação escolar de adolescentes pertencentes a uma escola pública em Recife-PE. O primeiro estudo, intitulado “*Livros cartoneros como uma estratégia pedagógica de enfrentamento ao bullying escolar*”, de 2019, foi realizado pelo segundo autor durante seu mestrado em Educação na Universidade de Pernambuco (UPE), teve como objetivo propor a formação de professor(a) de Língua Portuguesa para a confecção de livros cartoneros como estratégia de enfrentamento ao *bullying* escolar (LIMA NETO 2019).

Dessa forma, esse fenômeno de violência escolar que provoca dor, angústia e sofrimento (FANTE 2005) foi abordado a partir de vivências iniciadas na formação docente voltadas à compreensão dos livros cartoneros, reconhecendo a dimensão socioambiental desses livros artesanais. Em continuidade, desenvolveu-se a elaboração coletiva dos livros como prática sociocolaborativa, promovendo valores como solidariedade, respeito, empatia, afetividade e o entrelaçamento da paz entre os(as) estudantes.

Figura 2 – Professora em formação e prática de produção de livros cartoneros.



Fonte: Lima Neto (2019).

Os resultados do estudo apontaram que o trabalho em torno da produção de livros cartoneros colaborou para o desenvolvimento da alteridade, da empatia, da discussão crítica-reflexiva, do respeito, da descoberta de si e do outro, bem como da cultura de paz. Outro fator relevante diz respeito ao processo de ensino de língua portuguesa, pois, constatou-se que os livros contribuíram para o desenvolvimento da escrita com ênfase nas temáticas do *bullying*. Essa experiência evidenciou que um trabalho articulado e intencional, voltado à formação integral dos estudantes em diálogo com os livros cartoneros — que, naturalmente, evocam o cuidado holístico com o ser e o meio — não compromete o exercício disciplinar, mas amplia os horizontes pedagógicos.

c) Livros cartoneros na formação de professores(as)-escritores(as) de Língua Portuguesa

A terceira experiência decorreu de outro trabalho de mestrado intitulado “*Livros cartoneros: um mecanismo pedagógico para o processo de produção textual e leitura/escuta da alma*”, realizado entre os anos de 2020

a 2023 no Programa de Pós-Graduação em Linguagem (PROGEL/UFRPE), cujo objetivo foi investigar as contribuições do livro cartonero como mecanismo pedagógico do(a) professor(a) de Língua Portuguesa para a produção textual e o processo de escuta das vozes internalizadas do(a) educando(a) (LIMA NETO 2023). Durante o processo de formação de professor(a), foi observado que os livros cartoneros contribuem para a formação de escritores, além de favorecer a prática de escrita de gêneros textuais diversos, bem como de produções escritas que permitem a escuta de vozes internalizadas, afinal, muitas vezes, a escola demanda a produção escrita sem que isso permita o exercício do pensar, do sentir e do querer dos(as) educandos(as).

Diante do exposto, o estudo formou professores(as) tendo o cartonero como dispositivo pedagógico para o envolvimento com uma prática de linguagem ampla, diversa e heterogênea, respeitando as diversidades e o pensamento das pessoas envolvidas. Além disso, foram desenvolvidas reflexões no âmbito do cuidado socioambiental, a partir das quais se concluiu que o trabalho com a escrita, tendo como suporte os livros cartoneros, além de contribuir para a formação e ampliação da visão do(a) professor(a), busca assegurar o direito à expressão, permitindo que as vozes dos(as) escreventes não sejam subalternizadas.

Figura 3 — Formação de professor(a) e prática de produção com livros cartoneros.



Fonte: Lima Neto (2019).

Isso posto, resta-nos afirmar que a formação de professor(a) é um espaço de diálogo com a perspectiva interdisciplinar e da complexidade (MORIN 2011), visto que ela não pode se resumir ao diálogo interno, voltada apenas para os eixos formativos que compreendem o componente específico de uma determinada matéria. É preciso que as percepções advindas com a formação do(a) professor(a) — aberta, cíclica e holística — se abram a ações dialógicas e propícias à formação plena e consciente, reconhecendo que o local da formação é um espaço inacabado e plural, que procura validar continuamente o(a) professor(a) como um sujeito de compreensão heterogênea e transformadora.

Nesse horizonte formativo, há sempre um espaço de acolhimento para compreender e exercer uma prática educativa e profissional que valorize a dimensão subjetiva e socioambiental. Não seria justo encerrar sem mencionar que as duas práticas desenvolvidas na mesma escola, com professoras diferentes, resultaram positivamente: ambas reconheceram que o que antes era apenas lixo — as caixas de papelão — poderia se transformar muito mais que arte. Tornaram-se suporte de vidas, de reflexões, de escuta e de respeito ao humano e ao não-humano, algo que, no contexto do Antropoceno, não pode ser negligenciado. Essas práticas promoveram conexões singulares entre o individual e o comunitário, entre a formação docente e as temáticas diversificadas a serem trabalhadas na escola, com sujeitos críticos e reflexivos no intuito de serem agentes de transformação — que envolva não apenas o cuidado humano, mas também o cuidado planetário.

Formação docente entre estética, política e escuta sensível

A educação como prática da liberdade é aquela que reconhece a voz dos sujeitos e valoriza a experiência como conhecimento legítimo.

bell hooks (2013)

Ao nos aproximarmos do fechamento deste percurso investigativo, reafirmamos que a formação docente não pode ser dissociada das dimensões estética, política e sensível que permeiam o cotidiano escolar. As práticas cartoneras aqui relatadas apontam para uma pedagogia que valoriza a escuta ativa, a autoria e a relação com os territórios, promovendo outras formas de ensinar, aprender e existir na escola (HOOKS 2020).

A estética, entendida como modo de sentir, perceber e expressar o mundo, emerge nos livros cartoneros como linguagem que rompe com os formatos hegemônicos de produção do conhecimento. Cada capa, cada traço e cada escolha na materialidade das obras se inscreve como gesto educativo e político, trazendo à tona experiências e identidades

invisibilizadas pela racionalidade técnico-instrumental dominante na formação docente.

A política, nesse contexto, não se restringe à militância partidária ou à contestação explícita, mas se configura como ato de insurgência epistêmica (MIGNOLO 2003; WALSH 2008), ao possibilitar que outros saberes, vozes e memórias tomem a palavra. As oficinas e vivências descritas demonstram que é possível tensionar os currículos, interpelar as normas e operar deslocamentos, inclusive nos modos como os(as) futuros(as) professores(as) se reconhecem como autores(as) e educadores(as) ambientais.

Por fim, a escuta sensível - ética e estética - torna-se condição para que essas práticas floresçam. Escutar os estudantes, seus silêncios, suas histórias e seus gestos, implica deslocar o lugar do saber e do poder na sala de aula. Como aponta Ferreira et al. (2024), educar é também escutar com o corpo inteiro, abrindo espaço para que o outro seja reconhecido em sua inteireza e diferença.

Assim, a experiência com os livros cartoneros evidencia a urgência de uma formação que convoque o sensível, que acolha a pluralidade de vozes e que permita imaginar outros futuros possíveis. Que a formação docente, nesse movimento, seja espaço de invenção e cuidado - com a vida, com o conhecimento e com o comum.

A concepção de letramento adotada neste artigo não se restringe à decodificação da palavra escrita, mas compreende a leitura e produção de textos como práticas sociais situadas, marcadas por relações de poder, cultura e identidade (STREET 2014). Nessa perspectiva, os letramentos são múltiplos, diversos e contextuais, expressando modos de viver, narrar e transformar o mundo. O termo “letramentos socioambientais” desloca o foco da norma linguística para as práticas reais de leitura e escrita, valorizando as vozes e experiências dos sujeitos em seus territórios.

Ao adentrarmos o universo das práticas cartoneras, nos deparamos com uma pedagogia da invenção que opera na borda entre arte e política. A estética, neste contexto, não é um adorno, mas um direito (SOMMER 2009) e uma linguagem potente para mediar processos educativos. O fazer cartonero (recortar papelão, diagramar coletivamente, escrever com as próprias mãos) cria um espaço onde a materialidade do livro se torna experiência formativa. Nesse espaço, o que se escreve ganha corpo e cor, tornando-se parte da ecologia de saberes que compõe o cotidiano das escolas e comunidades.

Inspiradas em práticas decoloniais e insurgentes, essas experiências convocam o que Paulo Freire chamou de pedagogia da escuta e do inédito viável. Elas desafiam modelos bancários de ensino e reivindicam formas mais sensíveis, dialogadas e territorializadas de produzir conhecimento. O livro cartonero, nesse sentido, opera como objeto transgressor: é ao mesmo tempo uma ferramenta de letramento, um manifesto político e uma obra

estética que narra outras formas de estar no mundo. Ao tensionar os limites entre texto e contexto, palavra e ação, as práticas cartoneras oferecem caminhos fecundos para pensar a formação docente como processo criativo, ético e comprometido com a transformação social.

Considerações finais

A experiência com práticas cartoneras na formação docente reafirma a potência da educação como lugar de criação, escuta e transformação. Ao mobilizar letramentos socioambientais em diálogo com o território, a cultura e a materialidade da escrita, os projetos aqui narrados apontam caminhos possíveis para uma formação sensível, crítica e comprometida com a justiça social e ambiental.

Mais do que metodologias, as práticas aqui descritas constituem-se como gestos de resistência e reexistência, nos espaços da escola e da universidade. Apostar na autoria dos sujeitos, no poder das narrativas e na beleza dos livros feitos à mão é também apostar na formação de professores que pensem a educação como prática de liberdade.

Em vista disso, compreendemos que os cartoneros possibilitam esse diálogo em que o material e o imaterial se manifestam enquanto preocupação contínua e, na instituição de ensino, possibilita uma prática inovadora, criativa e fomentadora de uma gama de reflexões, as quais possibilitam contar as narrativas de vida, desenvolver ações que favoreçam a formação dos(as) estudantes e considera a discussão crítica-reflexiva de “outros mundos possíveis” (NOURY 2021).

A profissão docente, desde sua historicização, enfrenta desafios impostos por governos, sistemas educativos e pela ausência de políticas públicas que reconheçam o papel essencial desenvolvido por esses profissionais. Com base nisso, torna-se urgente que a formação docente seja revista, ressignificada e reestruturada para alcançar novos embasamentos e processos dialéticos, nos quais o(a)s professores(as) sejam reconhecidos como “sujeitos nas esferas pessoal, social, cultural e profissional” (NÓVOA 2017).

Em uma realidade presente, multifacetada e que exige profissionais com formação holística e especializada, pensar na formação docente com ênfase na transformação plena de estudantes e no cuidado com o mundo é se opor a um projeto de formação monológica. Assim, a formação docente deve estabelecer uma conexão para sensibilizar a si e aos seus estudantes para uma tomada de consciência que busque não apenas a aquisição de conhecimentos e a capacidade de resolver problemas, mas também sensibilidade aos ambientes, a vivência de valores em diálogo permanente consigo, com o ambiente e com a sua própria comunidade. A formação docente é um espaço de dimensão política, de exercício da cidadania em função de ações transformadoras que promovam mudanças significativas de

dentro para fora, sem que isso negue o acesso ao conhecimento e aos saberes do componente curricular.

Assim, esse percurso formativo não se encerra no produto “o livro cartonero”, mas se prolonga nos encontros, nas trocas e nas memórias geradas. As práticas cartoneras tensionam a lógica utilitarista do livro didático e propõem um outro modo de relação com o saber: mais sensível, mais afetivo, mais situado. O livro torna-se espaço de autoria, resistência e partilha.

Referências

ANDRÉ, M.E.D.A. de (1995). “A etnografia da prática escolar cotidiana”. In: *Etnografia da Prática Escolar*. 13.ed. Campinas. São Paulo, Papirus.

ALAMO (s/D). “O papel do papelão e o livro como resistência”. Disponível em: <http://blog.crb6.org.br/artigos-materias-e-entrevistas/o-papel-do-papelao-e-o-livro-como-resistencia/>
Acesso em: 20/06/2025.

BARTON, D., HAMILTON, M. & IVANIC, R. (2000). *Situated literacies: reading and writing in context*. Londres e Nova York, Routledge.

FANTE, C. (2005). *Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz*. 2. Ed. Campinas, SP, Verus Editora.

FERREIRA, E.M.; SARAT, M. & CÔCO, V. (2024). “Ouvir crianças e professoras: interlocuções de uma escuta sensível na instituição educativa”. *Linhas Críticas*, 30, e50581, 2024. DOI: <https://doi.org/10.26512/lc29202350581>

FREIRE, P. (2011). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo, Paz e Terra, [1987].

FREIRE, Raí de A. (2023). “Letramentos socioambientais mobilizados na produção de um livro cartonero: contribuições à formação docente em ciências biológicas”. Orientadora: Carmen Roselaine de Oliveira Farias. 118 fls. Dissertação (Mestrado em Ensino das Ciências) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife. Disponível em: <http://www.tede2.ufrpe.br:8080/tede2/bitstream/tede2/9732/2/Rai%20de%20Amorim%20Freire.pdf>
Acesso em: 30/06/2025.

FREIRE, R. de A., & Farias, C.R. de O.F. (2025). “Os sentidos de ecologia na escrita autoral de crônicas: letramentos socioambientais na formação inicial

em Ciências Biológicas”. *Ambiente & Educação: Revista De Educação Ambiental*, 30(1)” 1–19. <https://doi.org/10.63595/ambeduc.v30i1.17321>

hooks, bell (2020). *Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática* / bell hooks; tradução Bhuvi Linanio. São Paulo, Elefante.

_____ (2013). *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade* / bell hooks; tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo, Editora WMF Martins Fontes.

INGOLD, T.(2020). *Antropologia e/como Educação*. Petrópolis, RJ, Vozes.

KLEIMAN, Â.B. (2005). *Preciso ensinar o letramento? Não basta ensinar a ler e a escrever?* Campinas , UNICAMP/MEC.

LIMA NETO, W.C. de (2019). “Livros cartoneros: uma estratégia pedagógica de enfrentamento ao bullying escolar”. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação) — Universidade de Pernambuco, Campus Mata Norte, Pernambuco. Orientador: Hugo Monteiro Ferreira.

_____ (2023) “Livros Cartoneros: uma estratégia pedagógica para o processo de produção textual e leitura/escuta da alma”. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) — Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife. Orientador: Valéria Severina Gomes.

LOPES, F.C. & GARCIA, S.P.P. (2021). “Movimento cartonero visto sob uma concepção de língua sociointeracionista: trajeto latino-americanos e autoria no ensino de espanhol”. *Revista X*, v. 16, n.4: 991-1010.

MIGNOLO, W.D. (2003). *Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Tradução de Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte, Ed. UFMG.

MORIN, E. (2011). *A cabeça bem-feita*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil.

NOURY, C. (2021). “A prática simpoiética das editoras cartoneras: um coletivo de resistência em tempos de urgência”. In: *Anais do II Colóquio de Pesquisa e Design — De(s)colonizando o design*. Ceará.

_____ (2022). “A feralidade cartonera, um efeito não anunciado do Antropoceno remendado”. *RChD: Creación Y Pensamiento*, 7(12): 105–116.

NÓVOA, António (2017). “Firmar a posição como professor. Afirmar a profissão docente”. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, out./dez. n. 166: 1106-1133. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/198053144843>
Acesso em: 09/08/2025.

PIMENTEL, Ary (2020). "Editoras cartoneras e a literatura fora do cânone: um olhar crítico para as margens do mundo editorial". *Estud. lit. bras. contemp.*, Brasília, n. 62, e622.

ROJO, R. (2009). *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social*. São Paulo, Parábola Editorial, 128p.

SOARES, M. (2004). "Letramento e alfabetização: as muitas facetas". *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n.25, Abr. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n25/n25a01>>, Acesso em: 05/12/2024.

SOMMER, D. (2009). "Making a Difference: The Cartonera Comes to Mexico". *ReVista* (Spring).

_____. (2009). "Classroom Cartonera: Recycle Paper, Prose, Poetry". In: BILBIJA, K. & CARBAJAL, P.C. (Eds.). *Akademia Cartonera*: 130-151.

SOUZA, A.L.S. (2011). *Letramentos de Reexistência - poesia, grafite, música, dança: HIP HOP*. 1ª ed. - São Paulo, Parábola Editorial.

STEIL, C.A.; CARVALHO, I.C. de M. (2014). "Epistemologias ecológicas: delimitando um conceito". *Mana*, v. 20, n. 1: 163-183.

STREET, B.V. (2014). *Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação*. Trad.: Marcos Bagno. São Paulo, Parábola Editorial.

TEIXEIRA, P.M.M. (2020). "A diversidade de pesquisas de natureza interventiva dentro da produção acadêmica em ensino de biologia: uma análise teórico-metodológica". *Investigações Em Ensino De Ciências*, 25(1): 140-158. Disponível em: <https://doi.org/10.22600/1518-8795.ienci2020v25n1p140>
Acesso em: 14/10/2025.

WALSH, C. (2008). "Interculturalidad y colonialidad del poder: un pensamiento y posicionamiento ¿otro? desde la diferencia colonial". In: CASTRO-GÓMEZ, S. & GROSGOUEL, R. (Eds.). *El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Santiago: Siglo del Hombre Editores: 47-62.

Sobre os autores

Raí de Amorim Freire é Licenciado em Ciências Biológicas e mestre em Ensino das Ciências pela Universidade Federal Rural de Pernambuco.

Educador popular, coordenador da Educação de jovens e adultos do Centro Educacional de Barra do Choça e professor de Ciências da Rede Municipal de Vitória da Conquista, Bahia. Atua com ensino, pesquisa e extensão em Letramentos socioambientais, práticas cartoneras e formação docente.

Waldemar Cavalcante de Lima Neto é Doutorando em Ensino pelo Programa de Pós-graduação em Rede Nordeste de Ensino (RENOEN—UFRPE), graduado em Letras (Português e Inglês) pela Faculdade de Formação de Professores de Nazaré da Mata (UPE), mestre pelo Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação (PPGE), Mestrado e Doutorado Profissional em Educação (UPE) e mestre em Estudos da Linguagem pelo PROGEL—UFRPE. Atualmente, é professor da Rede Estadual de Ensino de Pernambuco.

Renata Priscila da Silva é Licenciada em Biologia, Mestre e Doutora em Ensino das Ciências, professora adjunta da Universidade de Pernambuco Campus Petrolina. Atua com temas ligados ao ensino de ciências, biologia e educação ambiental na educação básica e tem iniciado estudos sobre a formação inicial e continuada de professores e engendramentos entre currículo, vida e o trabalho docente.

Carmen Roselaine de Oliveira Farias é Bacharel em Direito, Mestre em Educação para a Ciência e Doutora em Educação. Professora Associada III da Universidade Federal Rural de Pernambuco (Recife). Atua na Licenciatura em Ciências Biológicas e nos Programas de Pós-Graduação em Ensino das Ciências (PPGEC/UFRPE) e Doutorado em Ensino da Rede Nordeste de Ensino (RENOEN/UFRPE).